

Esquemas e conceitos musicais sobre as propriedades do som na musicalização infantil

MODALIDADE: INICIAÇÃO CIENTÍFICA

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Hellen da Costa da Silva

Universidade Federal do Amazonas – hellencosta2012@gmail.com

Lucyanne de Melo Afonso

Universidade Federal do Amazonas – lucyanneafonso@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa de iniciação científica realizada com o intuito de analisar como ocorre o processo de formação dos esquemas e conceitos das propriedades do som dentro da musicalização infantil. A pesquisa foi implementada numa turma de musicalização, com crianças entre 3 a 6 anos de idade, realizando atividades musicais que pudessem verificar suas sonoridades do cotidiano e transformá-los em esquemas e conceitos na linguagem musical.

Palavras-chave: Musicalização infantil. Esquemas e conceitos. Educação musical. Desenvolvimento cognitivo.

Schemas and Musical Concepts on the Properties of Sound in Children's Music

Abstract: This work is the result of a research of scientific initiation carried out with the intention of analyzing how the process of formation of the schemas and concepts of the properties of sound within the infantile musicalization occurs. The research was implemented in a musicalization group, with children between 3 and 6 years of age, performing musical activities that could verify their daily sounds and transform them into schemes and concepts in the musical language.

Keywords: Children's music. Schemas and concepts. Musical education. Cognitive development.

1. Introdução

No decorrer da história, cada ser humano tem um comportamento diante do mundo e das novas aprendizagens. Quando colocamos o foco nas crianças, temos a oportunidade de ver mais profundamente o que estão absorvendo e quantos dos ensinamentos estão percebendo no seu dia a dia. Elas não apenas ouvem as músicas, mas as sentem.

Ter um bom ouvido não significa necessariamente ser dotado para a música. O poder de definir sons não garante o poder de reproduzi-los. A aptidão para definir sons é no melhor dos casos, premissa favorável para aptidão de fazer música[...] (HOWARD, 1984, página 63).

É natural que os pequenos iniciem o processo de musicalização através de todas as projeções sonoras que o rodeiam e a exploração sensório-motora no manuseio de materiais sonoros diversos. Entretanto, é importante frisar que por mais que tais atividades sejam um fator fundamental para garantir o desenvolvimento natural da criança, cada uma tem seu

próprio tempo de assimilação sobre as propriedades do som, e todas precisam ser direcionadas quanto ao processo de aprofundamento no campo musical para uma melhor compreensão dos conhecimentos adquiridos nesse processo.

Falar de planejamento pedagógico musical, no que se trata de crianças, é salientar também sobre o lúdico, do conhecimento adquirido através de jogos, do aprender com diversão. As metodologias para o ensino da música são diversas e devem se adaptar para a turma em si, ou seja, a turma vai moldando o cotidiano das aulas para que todas compreendam, participem e identifiquem as propriedades do som.

Outro fator de extrema importância dentro da educação musical infantil é a criação, algo que todo educador musical procura desenvolver o máximo possível em seus alunos. Desenvolver o pensamento criador amplia o desenvolvimento cognitivo e facilita o processo de aprendizagem, podemos exemplificar da seguinte forma: quando a criança é incentivada a criar seus próprios movimentos dentro de uma canção, adquire assim a sensibilidade de sentir mais do que ouvir, tendo assim, uma melhor compreensão do que o professor está tentando transmitir.

Ouvir, escutar a música não basta, evidentemente, para despertar o senso musical. É preciso que ao menos uma vez a música e o ato de fazê-la tenham suscitado forte emoção psíquica, uma tensão motora decisiva em todo o ser. E a condição necessária para tanto é precisamente fazer música [...] (HOWARD, 1984, página 69).

É imprescindível a presença da educação musical no ensino infantil, por lei a música deve estar presente no ensino básico, os benefícios para outras áreas do conhecimento são satisfatórios, como o desenvolvimento da concentração que é oportuna para todas as áreas. Levamos assim, a criança a mergulhar em um universo repleto de conhecimento e ramificações para áreas afins, oferecendo uma ampliação em seu desenvolvimento.

2. Esquemas e Conceitos Musicais

Esquemas e Conceitos são termos utilizados por diversos teóricos, e para uma melhor compreensão precisamos traçar a linha que permite que eles se relacionem. Vejamos em primeiro lugar os esquemas. Quais seriam suas definições? As respostas encontradas para este questionamento trazem entre si a mesma essência. Trata-se da percepção interna, mas precisamente, o sujeito utiliza para ter uma melhor compreensão do ensino organizando do seu jeito, sendo a maneira que o mesmo encontra para processar as informações externas, uma espécie de filtro de conhecimento.

Assim como o esquema se acomoda a novas percepções, o mesmo ocorre com o indivíduo. A percepção é, portanto, seletiva e, por causa disso, os indivíduos determinam sua própria cognição. Os esquemas são estruturas cognitivas que organizam nossas percepções e experiências [...] (HARGREAVES; ZIMMERMAN, 2006, p.251)

Para cada conhecimento adquirido é formado um esquema e posteriormente um conceito sobre o mesmo, facilitando assim que possamos encontrá-los de maneira mais rápida em meio a tantos outros. Quando buscamos certo conceito, ativamos o filtro mental de conhecimento, ou seja, ocorre uma busca pelas palavras chaves que estruturamos nos esquemas para formar o conceito, gerando assim uma maior agilidade na busca das informações. É necessário então, compreender como funcionam as criações de esquemas musicais, pois assim saberemos como direcionar os conceitos de acordo com esses filtros de conhecimento e produzir um melhor aprendizado educacional.

Vários conceitos estruturais formam a armação do modelo musical em nossas mentes. As descobertas musicais e improvisações das crianças preenchem essa armação. O conteúdo musical que dá corpo a essa moldura é importante. O conhecimento conceitual é rico em relações, e forma uma rede que abarca e relaciona conceitos individuais nessa armação estrutural [...] (HARGREAVES; ZIMMERMAN, 2006, p.251)

Devemos ainda manter a distinção de ensino e aprendizagem musical, e entender como se tornam complementares dentro da musicalização, tendo a diferença entre elas tem uma razão considerável quando falamos de conceitos. A aprendizagem está relacionada à aculturação, tudo aquilo que foi adquirido não intencionalmente, com espontaneidade, mas que está registrado em suas memórias, já o ensino se relaciona com o treino, a atividade direcionada para um desenvolvimento específico de cognição. Ambos estão inseridos na formação de esquemas e posteriormente em conceitos.

3. Resultados sobre a pesquisa

As aulas de música para a realização desta pesquisa foram desenvolvidas no projeto de extensão “Laboratório de Educação Musical” que faz parte do Programa Escola de Artes, da Faculdade de Artes-UFAM, em 2017, com uma turma de 15 crianças entre 3 e 6 anos. As aulas aconteciam uma vez na semana, nos primeiros dois semestres, especificamente, às quartas-feiras.

Antes do início das aulas tivemos reuniões com a orientadora e coordenadora do projeto para a realização do planejamento. Nas aulas iniciais, fizemos atividades para

observar o que as crianças traziam de conhecimentos e em que áreas tinham mais dúvidas a respeito das propriedades do som. A princípio identificamos que elas confundiam a altura com intensidade fazendo a seguinte relação: ao identificarem sons graves achavam que esse som era mais forte por ser mais “grosso” e não poderia ser “fraco”, e sons agudos seriam apenas “fracos” por serem mais “finos”, além disso, quando relacionavam quais desses sons estavam crescendo e quais estavam diminuindo, referindo-se a sequência da escala, imaginavam que a intensidade era quem definiria a direção e não a altura.

Durante algumas interações e conversas vinculamos a imagem da escala a uma escadinha – ao qual eles também ajudaram na escolha - e questionamos em que direção os sons graves e agudos seguiam e se poderiam variar de intensidade.

No decorrer da aula, as crianças disseram que os sons mais graves eram os que subiam a escada, pois eram mais potentes, e os sons mais agudos desciam as escadas, pois eram mais “leves”, auditivamente. Logo, tivemos que desconstruir partes desse conceito e através de novos esquemas ajudá-los a compreender cada uma das propriedades do som. Fizemos esse processo através de músicas para trabalhar a escuta e o movimento corporal, em que a voz nas canções reproduzia o som grave ou agudo, indicando o subir e descer, utilizando a escuta e o corpo em movimento, fazendo essa associação variando a intensidade.

Para tanto, utilizamos o método Dalcroze em que busca a coordenação entre olhos, ouvidos, mente e o corpo, em que a experimentação sonora é fundamental para a compreensão e consciência musical, se a música diz piano ou forte, vamos experimentar os diferentes níveis de forte e piano, pela escuta e pelos movimentos do corpo.

A Rítmica propõe o aumento dessa consciência através do aperfeiçoamento dos movimentos no tempo e espaço. Pretende um refinamento dos sentidos por meio de uma escuta atenta e da atuação do corpo como uma unidade, os quais, através da sensorialidade e da sensibilidade, conduzem a uma consciência auditiva. (MARIANI, 2015, p.32)

Observamos que as crianças já conseguiam distinguir os sons e perceber quando eram interrompidos ou alongados, estas atividades com método Dalcroze facilitou nas aulas de duração para que apenas ajudássemos na formação esquematizada e conceitual, assim como na aula de timbres. Na prática, eles já sabiam e dominavam, mas ainda assim foi preciso trabalhar atividades que ajudassem essa formação conceitual, mas também reforçasse a prática.

Ainda neste cenário, porém migrando para o que dizem respeito à intensidade, as crianças mostraram estar acostumadas com a variação de intensidade dos sons, mesmo

confundindo a princípio quando relacionado com a altura. Segundo elas, os pais tinham essa alteração na voz quando falavam com mais seriedade do que eles costumavam usar no dia a dia. Contudo, as crianças não conseguiam reproduzir essa mudança de um som mais forte para um mais fraco.

Outra relação que faziam era na hora de reproduzir o som mais fraco com objetos sonoros, principalmente por terem muita energia, sempre batiam/agitavam/tocavam com muita força. Foi necessário inserirmos técnicas de respiração, relaxamento e concentração para começarem a mostrar desenvolvimento e partirem para as formações de esquemas.

Conhecendo as dificuldades a serem trabalhadas na formação dos conceitos dessas propriedades, estruturamos as aulas em etapas/momentos com base nas metodologias de Feres (1998) no livro *Bebê: música e movimento*: “O principal objetivo do curso de musicalização infantil é desenvolver, na criança, o prazer de ouvir e fazer música” (1998, p.13)

A. Canto de Entrada – O primeiro momento da aula para as crianças ficarem mais à vontade em sala de aula e socializassem com os colegas e professores para um aproveitamento melhor sobre as propriedades do som. As músicas se relacionavam com a altura, intensidade, timbre e duração abordados durante todo o semestre, porém inseríamos uma nova a cada aula e repetíamos as das semanas anteriores, tanto para criar um momento de prazer quanto para melhorar sua percepção sobre o que aprenderam nas aulas.

B. Contando Histórias – Momento mais lúdico de apresentar os temas às crianças, permitindo a interação para que eles deem os exemplos que conhecem e desenvolvendo a imaginação e interpretação.



Foto 1: Contando Histórias da fazendinha com muitos animais

C. Atividades Tematizadas- As atividades eram desenvolvidas a partir da história, para que as crianças pudessem relacionar os dois. Utilizamos bastantes representações de animais, em imagens, sons, pelúcias ou outros materiais, pois faz parte da vida dos pequenos,

tanto em desenhos animados, músicas infantis, ou mesmo seus bichinhos de estimação, fazendo com que o processo fosse facilitado.

D. Jogos Lúdicos – Hora de aprender brincando e se movimentando, os jogos eram marcados como o momento de perceber o que eles absorveram da aula e das atividades, onde eles costumavam usar muito mais a expressão corporal, a percepção musical a imaginação e criatividade.

E. Relaxamento e Canto de Despedida – Para que soubessem que a aula estava chegando ao fim, fazíamos o momento de relaxamento.



Foto 2: Atividade de relaxamento para fim de aula.

Com os colchonetes e a luz baixa as crianças trabalhavam a respiração e a sensação dessa respiração no próprio corpo, acompanhada sempre de um fundo musical, esse trabalho desenvolveu uma percepção de pulsação rítmica, em seguida as crianças sentavam em roda e tinham a oportunidade de falarem como se sentiram na aula e do que mais gostaram. E por fim nos despedíamos ao som de uma mesma canção todas as aulas.



Foto 3: Roda de conversa para falar a respeito da aula e das sensações

Com as aulas observadas e as práticas de ensino pudemos iniciar os trabalhos, seguindo uma sequência de repetição para que as crianças pudessem memorizar as

propriedades do som: se ocorresse de hoje ser apresentado um conteúdo sobre altura, eles veriam esse mesmo conteúdo no dia seguinte em casa através dos exercícios que eram entregues aos pais no fim de cada aula. Após sete dias retornávamos ao conteúdo através de uma atividade - que havíamos feito na aula de altura - mesclada na aula programada para o dia, com intuito de manter viva a lembrança do conteúdo da aula anterior ao mesmo tempo em que se aprendia um novo conteúdo. Separávamos um momento da aula atual para aplicar a atividade e depois em quinze e trinta dias novamente.

Tanto atividades práticas em sala como exercícios pra casa, foi notável que o conceito trabalhado, ia passando da memória de curto prazo para a de médio prazo, e finalmente a de longo prazo.

Considerávamos que certo conteúdo já estava na memória de longo prazo das crianças quando a notoriedade dos mesmos no seu cotidiano era involuntária, podemos exemplificar: quando era ensinado um novo conteúdo de parâmetro musical, como o timbre, as crianças percebiam um outro que já haviam estudado antes, como a altura, intensidade ou duração.

Ao final do semestre, as dificuldades e cobfusões sobre as propriedades do som foram aprendidas, em relação à sequência escalar do agudo/grave e da intensidade forte/fraco. Com a sequência de revisão as crianças puderam sempre estar relembrando quem realmente subia e quem descia e que a variação de intensidade era possível, chegando ao final dos trinta dias sem mais dúvidas extremas.

Percebemos nas atividades que eram feitas com o auxílio do piano que quando confundiam, eles já estavam dentro da margem, e a maioria das vezes acontecia por estarem desconcentrados e não por desconhecerem. Aconselhávamos os pais a incentivarem os filhos a escutar mais canções e coisas do mundo musical e, sempre que pudessem observar o comportamento dos pequenos diante dessas situações.

4. Considerações Finais

A musicalização infantil tem aberto portas para muitas crianças, não só no âmbito musical, mas também para uma vida mais social, onde a criança tem mais autonomia, confiança e criatividade. Nas diversas atividades realizadas durante a pesquisa podemos observar diversas mudanças, e como a compreensão da formação de esquemas é extremamente importante para um educador musical obter uma aprendizagem melhor nas suas turmas. Cada criança tem um modo único de absorver, mas há sempre um ponto em

comum onde a ideia central é despertada em todos, e é o ponto no qual devemos nos apegar e trabalha-lo. Estabelecer uma rotina nos trouxe melhores resultados, pois as primeiras duas aulas não estavam totalmente nesse padrão e o aproveitamento que tivemos foi bem inferior em relação às posteriores.

Ao final de cada semestre pedimos aos pais para que descrevam como foi participar do projeto e o que eles notaram de mudanças em seus filhos. Uma das crianças entrou um pouco antes de completar três anos de idade, e a descrição de sua mãe ao fim do semestre foi a seguinte, “observamos grandes mudanças após a iniciação nas aulas de música. Ela apresentou maior interesse em ouvir músicas, com mais concentração [...] passou a se interessar a fazer sons em objetos diversos e também nos dizer se o som era grave ou agudo, forte e fraco [...]. Outro ponto que destacamos é a socialização que também se aflorou com a participação nas atividades” (Mãe A, 2017).

Outras crianças se fascinaram com instrumentos durante as aulas sobre timbres, uma das mães ressaltou que o filho “mostrou muito interesse desde o primeiro dia, sempre cantando músicas novas e muito ansioso para conhecer os instrumentos musicais. Ele disse que quer continuar e aprender a tocar os instrumentos”. O que é exatamente algo propomos a eles, a vontade de querer evoluir no mundo musical, podendo crescer e ser acompanhado em cada fase com um novo conhecimento para construir esse desenvolvimento artístico, iniciado com uma boa fixação das propriedades do som durante o ensino infantil e se intensificando nas fases posteriores.

Referências:

- HOWARD, Walter. *A música e a criança*. São Paulo: Summus, 1984.
- HARGREAVES, David; ZIMMERMAN, Marilyn. *Teorias do desenvolvimento da aprendizagem musical*. In: ILARI, Beatriz S. (Org). *Em busca da Mente Musical: Ensaio sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2006. p. 231-269.
- FERES, Josette S. M. *Bebê: Música e Movimento*. Jundiaí, SP. 1998.
- MARIANI, Silvana. *Émile Jaques-Dalcroze: música e movimento*. In: ILARI, Beatriz; MATEIRO, Tereza. *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpe, 2011.